

A cavalaria no Sertão

JERUSA PIRES FERREIRA
Pontifícia Universidade Católica/SP
Brasil

I. INTRODUÇÃO E REMEMORAÇÃO

Sobre os livros de cavalaria dizemos que se trata de fenômeno estranho, a presença de um ideário próprio, a paisagem e situações insólitas chamando nossa atenção.

De um lado, o segmento ideal, a construção de paisagens imaginárias, de lugares visionários, de uma geografia fantástica, e, por outro, a inscrição de experiências vividas e concretas e de séries culturais que vão marcando o seu espaço. Dá-se a inserção do tempo mítico no fluxo de uma outra história.

Entre os pensadores que tratam de uma discussão mais ampla, Eleazar Meletínski¹, Mihail Bakhtin e Michel Foucault se preocuparam com tratar a novela de cavalaria em seus procedimentos e em sua condição própria. O primeiro, em suas indagações sobre mitopoéticas e arquétipos literários.

Diz-nos Foucault, referindo-se a estes livros em *As Palavras e as Coisas*, que sua aventura será “uma decifração do mundo, um minucioso percurso para recolher em toda a superfície da terra (tarefa de cronista) as figuras que nos mostram que os livros falam a verdade”².

E aqui menciono a presença de Massaud Moisés³ nesse campo de estudos, pioneiramente nos apresentando a originalidade do romance arturiano e do *Memorial das Proezas dos Cavaleiros da Távola Redonda*. Sua colaboração foi inestimável para a realização de *Cavalaria em Cordel*⁴, livro que escrevi na juventude e que, devo confessar, ainda consegue me emocionar e convencer até hoje.

Um dia, voltando de um jantar na Bahia, ele pede a quem dirigia o carro que tivesse cuidado com a carga valiosa (nós dois), pois ali estava um pilar da cavalaria andante. É que eu fazia minha tese sobre o *Palmeirim de Inglaterra*⁵, para a Universidade Federal da Bahia, onde já tinha apresentado um trabalho de conclusão de curso sobre *A Paisagem Fictícia e a Paisagem “Verdadeira” no Palmeirim de Inglaterra*, a partir daquele momento juvenil, uma de minhas paixões.

1 Eleazar Meletínski, *Poética do Mito*, Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1987; *idem*, *Arquétipos Literários*, São Paulo, Ateliê Editorial, 1998.

2 Michel Foucault, *As Palavras e as Coisas*, Lisboa, Portugalia, 1968.

3 Massaud Moisés, “A Novela de Cavalaria Portuguesa”, *Revista História*, São Paulo, (8): 47-52, 1957.

4 Jerusa Pires Ferreira, *Cavalaria em Cordel*, São Paulo, Hucitec, 1993. Está em preparação a terceira edição.

5 Cf. Jerusa Pires Ferreira, “Tapete Preceptivo do Palmeirim de Inglaterra” (onde estudo preceito e ficção, UFBA, 1973. Tese mimeografada, em revisão). Cf. ainda “Os Sermonários do Diabo ou as Novelas de Cavalaria”, In: *Forma & Ciência*, Org. Amálio Pinheiro, São Paulo, EDUC, 1995.

Neste campo de evocação e memória de tempos distantes, relato que escutei dizer, por um alto-falante da festa do Bonfim, num recado sonoro, que se estava esperando alguém na “Barraca do Rei da Hungria”. Passagem que, de repente, me levaria ao Imperador Clarimundo⁶, aliás curioso e nem sempre lembrado romance de cavalaria do século XVI, escrito por João de Barros, o gramático e cronista que recria este universo com paisagem e personagens portuguesas, onde se destaca a impressionante profecia de Fanimor.

Aproveito aqui para homenagear também Cavalcanti Proença, o grande estudioso desses temas no Brasil, que, ao tratar do Cangaço, nos sugere a criativa incursão pela gesta guerreira, sem deixar de fora a cavalaria encantatória, a presença arturiana transmitida pela tradição portuguesa e as muitas inflexões em nossa cultura, toda uma abertura ao mundo do sebastianismo: por exemplo, D. Sebastião, o rei desaparecido como Arthur, um outro tipo de injunção messiânica. Seus ensinamentos e propostas estão ainda a nos desafiar.

2. UMA IDADE MÉDIA NOS TEMPOS DA IMPRENSA

A novela de cavalaria ibérica (escrita ora em português, ora em espanhol ou em catalão/valenciano) é a resultante, em ficção, de um percurso narrativo que vem dos tempos medievais, do relato oral, da gesta, do poema épico, do romance cortês, de um mundo de imaginação com características próprias. Servindo-se da experiência peculiar do universo cavaleiresco (cavalaria – uma instituição político-religiosa, social, moral e estética), realiza-se adaptando os novos tempos àquele universo, cujas normas estão de algum modo estratificadas e estáveis, algo que tem a ver com a criação de um espaço “ideal”.

Como se sabe, estes livros alcançaram na Península Ibérica um enorme desenvolvimento e prestígio, dos fins do século XV ao começo do XVII, portanto no espaço-tempo de um mundo em profundas e intensas modificações. Estas histórias foram contadas, consumidas, ouvidas, copiadas e repetidas, exaustivamente, até muito mais tarde, deslocando-se para o universo da poesia oral e do livro popular. Textos trazendo andanças de cavaleiros, proezas e encantamentos, entremeados de ensinamentos e preceitos à moda dos livros de moral e doutrina, foram dos mais assíduos tipos de leitura e de escuta, parte efetiva de um repertório popular mais amplo.

Para chegar ao processo maduro de sua crítica, teve Cervantes de vivê-las, e para colocar em literatura a interpretação de seu tempo, serviu-se deste modelo, construindo em *Libro de Caballerias* uma das mais importantes obras que o mundo conhece. O *Quixote*, síntese e crítica, é um texto que se contém a si próprio e à sua glosa, sendo visível a cada passo como foi intensa a apreensão de toda a tradição novelística anterior. Além disso, o famoso capítulo VI, o da queima dos livros, passa a representar um documento da maior importância, entre outras coisas para o entendimento do fenômeno em questão, para uma teoria da recepção e das relações entre literatura e os “controles do imaginário”.

Referindo-se de modo geral às novelas de cavalaria, diz-nos Foucault que todos estes romances extravagantes são precisamente incomparáveis e que no mundo nunca alguma coisa se pareceu com eles (apesar de se chamarem crônicas). Sua linguagem fica em suspenso, sem que nenhuma similitude histórica venha preenchê-la. Enquanto isso, temos em Bakhtin o assentamento destas ficções no âmbito de um cronotopo limitado e circunscrito: o mundo das maravilhas e o tempo da aventura⁷.

6 João de Barros, *Crônica do Imperador Clarimundo*, Lisboa, Sá da Costa, 1953, 3 vols.

7 Mikhail Bakhtin, *Questões de Literatura e de Estética*, São Paulo, UNESP/Hucitec, 1988.

Acontece que a narrativa cavaleiresca, apesar de apoiar-se num quadro ideal – construído de este-reótipos, de *topoi* e de *loci comuni*, como tão bem estudou E.R. Curtius no seu memorável livro⁸ – termina por inscrever nele, a seu modo, o social, as contradições e o absurdo, a ferocidade e a ira, os desígnios da vida, os bruxedos, encantamentos e a morte. Há também a proposta amenizadora, que compensa tensões sociais pela diversão e pela força do ritual. Cabe ao cavaleiro andante a proeza, a transferência da ação coletiva, a superação de obstáculos, o ideal guerreiro de dominação, mas sobretudo a instalação de uma pretendida ordem restauradora e re-significada. Esta literatura traz para si, ajustando-o, o universo múltiplo do conto maravilhoso, a tradição da cultura popular, os caracteres opostos e bem nítidos do bem e do mal, e personagens que os protagonizam, sejam cavaleiros ou gigantes.

O fato é que nos primeiros tempos da imprensa a novela de cavalaria veio a transformar-se numa espécie de “literatura de grande circulação”, mesmo comportando considerável distância entre a composição de umas e outras novelas, conforme diferentes tempos, espaços, autores, suportes e qualidade de realização. Há todo um percurso, um trajeto de estilos, uma variação desde as mais “primitivas” àquelas mais bem conseguidas e elaboradas, “clássicas” por assim dizer, como é o caso do *Palmeirim de Inglaterra*, do português Francisco de Moraes, tão presente e valorizado nos estudos de colegas e tão admirado por Cervantes, até as expressões barrocas de um *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda*, de Jorge Ferreira de Vasconcelos, e dos continuadores dos ciclos tradicionais ibéricos de Amadises e Palmeirins.

Entre as novelas espanholas, anuncia-se o *Libro del Caballero Zifar*, cujo relato “primitivamente” urdido e paratático o coloca entre as mais curiosas, além de que parece ser, entre esses, o livro de cavalaria espanhol mais antigo. Segundo Felicidad Buendia, pertencendo à primeira metade do século XIV, o livro foi tratado com indiferença até a descoberta de sua rara edição de 1512⁹.

Tirant lo Blanc, dedicada a Don Fernando de Portugal, uma das mais conhecidas hoje, tinha sido impressa duas vezes nos fins do século XV, em Valência e Barcelona. E recentemente, no Brasil, por Cláudio Giordano, numa bem cuidada tradução e edição. É um verdadeiro doutrinário do cavaleiro andante, pois enunciam-se em seu transcurso preceitos a serem seguidos; de estrutura narrativa muito simples, está bem fincada no medievo, em verdadeira situação de Cruzada mas apontando para um realismo tão contundente. Apesar de bem próximas, estas duas experiências encontram-se distantes do relativo padrão assumido como a novela de cavalaria ibérica de Quinhentos, já com os pés no mundo moderno. É conhecido o interesse profundo que demonstrou o romancista peruano Mario Vargas Llosa, autor de *A Casa Verde e Conversação na Catedral*, também ele estudioso dos livros de cavalaria.

O *Amadis de Gaula*, a mais famosa de todas, fez-se presente através da qualidade dos seus primeiros livros e de intermináveis continuações (para alguns teóricos, execráveis continuações!). Algumas delas me pareceram ter um interesse especial, como é o caso do *Lisuarte de Grécia* (sétimo livro do *Amadis*) ou o *Florisel de Niquea* (onzeno), barroquíssimo texto do português Feliciano de Silva, com cenários preciosos, carregados de fontes e de ninfas¹⁰.

Todo este percurso terá então a ver com o anunciado Sertão.

8 Ernst Robert Curtius, *Literatura Européia e Idade Média Latina*, São Paulo, Edusp, 1996.

9 Felicidad Buendia (Org.), *Libros de Caballerias Españoles*, Madrid, Aguilar, 1954.

10 Cf. Jerusa Pires Ferreira, *op. cit.*, 1973.

3. EM MEMÓRIA DE MARLYSE MEYER

Cavalaria em Cordel – O Passo das Águas Mortas

E aí vêm o Brasil e o Sertão. Como nos lembra Câmara Cascudo, apontando para uma indagação central que traz muito do que agora continuo a desenvolver sobre o tema, ele encontrava seus primos sertanejos discutindo sobre as proezas dos Pares de França, sobre a bravura excelente de Roldão e de Oliveiros e nunca lhe apareceram as figuras do Palmerim ou dos Amadises nessas disputas de heroísmos.

O que a meu ver não significa que estivessem ausentes, mesmo quando não referidos diretamente. Vinham na bagagem do colonizador, povoavam o seu imaginário, como nos indica tão bem Sérgio Buarque de Holanda, em seu incomparável *Visão do Paraíso*¹¹. Ao tratar da presença da *Demanda do Santo Graal* (de que se ocupou no Brasil Heitor Megale), diz-nos Almir Brunetti¹², havia coisas que se fixavam no contexto do pensamento heterodoxo para aqui trazido e recriado.

Falamos de uma bagagem de textos e de um mundo da memória, vamos nos referindo ao oral/escrito/impresso/teatralizado e a uma presença do extraordinário romancista peninsular, tão vivo ainda hoje no Sertão. A tradição opera em camadas profundas e em inclusões adaptativas. No nosso caso, recompõe-se em outros corpos vivos, inscrições de outras culturas (indígenas e africanas). Enquanto no *Palmeirim de Inglaterra* àquelas fórmulas de representação se sobrepõe a paisagem do Castelo Almourol e as ribanceiras do Tejo, no sertão, as paisagens recriadas levam da aridez aos lugares encantados.

Todos esses elementos foram servindo de base para o *Cavalaria em Cordel*, que enfoca, a partir do combate, as dimensões ritualísticas e os processos adaptativos do fenômeno cavaleiresco no Brasil. A cavalaria ibérica é um percurso que leva a sínteses espantosas, de estilos e conquistas de linguagem, bagagem de textos e mundo da memória, laboratório vivo onde tudo se processa.

Escolhi como amostra dessa conservação e permanência, em suas adaptações compatíveis, alguns exemplos que seguem.

4. A CONSERVAÇÃO DE UM LÉXICO

Foi assim que analisamos um grande corpo de folhetos daquela literatura que chamamos cordel, observando o fenômeno das capas e a repercussão em que texto sonoro e verbal se unem às imagens:

“Quando Ferrabrás chegou/ nos campos de Marmionda/ Só um trovão quando estronda/ troa como ele troou/ em altas vozes gritou/ apoiado numa lança/ como fera que avança/ precipitada em furor/ dizia: oh imperador/ quede teus pares de França?”¹³.

Os arcaísmos e as tiradas cavaleirescas comparecem em função de se estar seguindo um processo do livro-matriz, de que falarei em seguida – *A História do Imperador Carlos Magno*¹⁴. Mas há também, em compensação, uma sedimentação prévia destas expressões e repertórios. Por exemplo, “altas vozes” já fora anteriormente incorporado ao universo poético dos folhetos. No eixo adaptativo, assim a maneira

11 Sérgio Buarque de Holanda, *Visão do Paraíso*, São Paulo, Cia. das Letras, 2010.

12 Almir Brunetti, *A Lenda do Graal no Contexto Heterodoxo do Pensamento Português*, Lisboa, Sociedade de Expansão Cultural, 1974.

13 Leandro Gomes de Barros, Folheto *Batalha de Oliveiros com Ferrabrás*, Recife, 1902. p. 2.

14 Simão Thaddeo Ferreira, *História do Imperador Carlos Magno*, Lisboa, 1799-1800; Jeronymo Moreira de Carvalho, *História do Imperador Carlos Magno*, Rio de Janeiro, Livraria Império, s/d. Cf. ainda elenco de edições desta história em meu artigo “Um Rei a Resmas: Carlos Magno e a América”, In: *Euro-América: uma Realidade Comum?*, Rio de Janeiro, Comissão Nacional de Folclore/IBICC/UNESCO, Tempo Brasileiro, 1996.

sertaneja de referir-se a “esse que aqui chegou/ é um grande da Turquia/ turco de muita energia/... é o legítimo dono/ do reino de Alexandria”¹⁵.

Em outro momento se lê: “E disse em alta linguagem/ com desmedida coragem/ falou a todos assim/ qualquer que tocar em mim/ diga que está de viagem”¹⁶. Este trecho poderia exemplificar o processo de rima-sentido em relação compulsória, revelando uma maneira de dizer nordestina, apesar de vir o episódio diretamente da fonte portuguesa. Ajustam-se o arcaísmo de uma expressão ética medieval ao código regionalizante, e assim vai ter destaque, no mesmo folheto, a passagem “desfeiteando meu rei/ de que me serve existir”¹⁷.

Ao lado do trabalho de adaptação e mesmo de criação do poeta são mantidos todo o aparato léxico, os lexemas centrais e, ao evocar a figura de Carlos Magno, diz-se aqui como lá: “Amparo de cristãos, guia da verdade/ coluna da igreja, etc.”¹⁸. Há, nesse folheto, sequências em que se tem um discurso de tipo camoniano, correspondente à repetição fidelíssima de um texto-matriz na conservação exata dos arcaísmos significativos: “Eu ficarei na terra/ que é o vale da tribulação/ estão tristes os cristãos/ e Deus bastante gostoso”¹⁹. No corpo produzido, aqui e ali comparece ainda o tom clássico do discurso, corroborado pelas próprias inversões: “O sangue o campo tomava/ provocando piedade/ força em grande quantidade/ de toda a parte chegava...”²⁰.

Há momentos em que o narrador mantém grande fidelidade a uma ambiência medieval: “E estando nestas práticas/ Valdivino então chegou/ arrancando os cabelos/ em altas vozes exclamou/ e para a pena apontou”²¹. Conserva-se esta seleção vocabular com base naquilo que o público entende, requer, aprecia e aceita, o que leva ao processo que inclui a sedimentação imaginária como uma investida arcaizante em vários planos, e o posterior reconhecimento.

Em *A Prisão de Oliveiros*, aqui citado como em outras partes onde quer que se mencione o cavaleiresco do cordel, percebe-se que a narrativa acompanha de perto um texto gerador, embora de maneira bastante mais livre em relação à matriz, sendo a construção concretizada por meio daquilo que o poeta leu e ouviu. A sequência narrativa acompanha o texto gerador, mas o discurso frequentemente apropria-se da dispersão do texto clássico retido, oralizado ou mesmo difundido em letra, ou por outras vias. Ocorre, aqui como alhures, uma acoplagem da oralidade ao texto impresso, que veicula toda uma tradição vocabular.

Comparecem processo e léxico mantidos; ali [*Oliveiros*], como em outros folhetos, nota-se que o poeta vinha seguindo fielmente um texto impresso, utilizando não só referências diretas, mas ainda os mesmos vocábulos, a exemplo de: “apartados os cavaleiros/ de Ricarte e de Roldão”, ou a sequência, com fidelidade descritiva, do relato cavaleiresco que colheira num texto-matriz ou na sua experiência de ouvir: “Abderramã vestia/ argolas finas e douradas/ num cavalo roxo pombo/ com pratas ajaezadas/ as suas roupas de rei/ com pedras finas estreladas”²². Quem já leu novelas de cavalaria não tardará a identificar estas passagens.

Constata-se em outro caso, seja no famoso folheto de Leandro Gomes de Barros, (dos mais completos de nossos poetas populares dos começos) o poeta captando passos difusos como a menção

15 Leandro Gomes de Barros, *op. cit.*, p. 4.

16 *Idem*, p. 6; *História do Imperador Carlos Magno*, p. 27.

17 Leandro Gomes de Barros, *op. cit.*, p. 8.

18 Ed. Proprietário José Bernardo da Silva, *Galalão e a Morte dos 12 Pares de França*, p. 23.

19 *Idem*, p. 25.

20 Ed. Proprietário José Bernardo da Silva, *A Prisão de Oliveiros*, p. 10, s/d.

21 Ed. Proprietário José Bernardo da Silva, *op. cit.*, p. 7.

22 *Idem*, p. 10.

à ordem da cavalaria²³ e uma incrível referência, em tal quadro de transposição, que não comparece na sequência do texto gerador, mas que aí se encontra em outras passagens.

Todos estes fatos nos levam à afirmação de Paul Zumthor de que a tradição se situa, muitas vezes, nas profundidades invisíveis do espaço poético²⁴; mas há momentos em que, nessa conservação disposta a emergir sob as mais variadas maneiras, a criação inaugura novos elementos e aciona, para além de uma simples palavra colocada, tanto invenção quanto conservação, instaurando uma poética própria, culta e popular ao mesmo tempo, sempre disposta a se afirmar para além de modelos, nas brechas da criação.

5. UM REI A RESMAS²⁵ – CARLOS MAGNO (CAVALARIA E EDIÇÃO)

No texto aqui apresentado, vou destacar a gesta guerreira, deixando um pouco de lado a construção do romance arturiano e um certo cavaleiresco encantatório.

Ao falar do texto criado nos sertões do Brasil, devemos dizer, seguindo nossa linha de argumentação, que a grande matriz impressa foi a novela de cavalaria tardia – *A História do Imperador Carlos Magno*, que tem razões de historicidade, unicidade e magia entre nós, presente nos folgedos, nas práticas cotidianas, em nomenclaturas e atitudes, etc. O cavaleiresco comparece em movimentos rebeldes como a Guerra do Contestado, onde os Pares de Carlos Magno continuam a exercer seu papel épico, construindo nosso chão de heroísmos possíveis.

No Estado de Santa Catarina, ocorreu o movimento rebelde conhecido como o Contestado, no qual seus seguidores se referiam a eles próprios como Pares de França, à maneira da épica medieval, oferecendo curiosa interpretação para “pares”. Ao invés de doze bravos cavaleiros, consideravam 24 deles para a ideia de par. Entre importantes contribuições sobre este notável acontecimento social, no livro *Os Errantes do Novo Século*²⁶ Douglas Teixeira Monteiro trabalha a ideia weberiana de *desencantamento* e *reencantamento* do mundo, apontando para uma espécie de organização ritual, construída segundo referências medievais muito diretas. Tudo isso nos leva à constituição de uma espécie de monarquia sertaneja, presente em outros movimentos rebeldes como Canudos (tópico inesgotável, que dispõe de ampla bibliografia), correspondente à lei de Deus enquanto a República seria a lei do Demônio. Tanto quanto fosse o desejo de reconfigurar o mundo, a épica medieval carolíngia estava ligada a uma velha ordem que se impunha.

Cavalaria em Cordel procura recuperar os dois principais segmentos – uma vertente difusa arturiana, em que ancora o sebastianismo; e uma vertente épica, que traz a permanência de muitos textos e romances medievais.

Leitores-ouvintes de diferentes sertões ligavam-se à legendária textura da épica cavaleiresca, transformada em modelo histórico possível para pessoas que não experimentavam a ideia de uma História cronológica. Há uma continuação entre o seu presente e o passado remoto, relações de dependência e de vassalagem, conhecimentos de como lidar com formas de dominação e violência. Entre os guerreiros, contava muito a presença de monges e de penitentes.

23 Leandro Gomes de Barros, *op. cit.*, p. 10.

24 Paul Zumthor, *Éssai de poétique médiévale*, Paris, Seuil, 1972, p. 81.

25 Jerusa Pires Ferreira, *op. cit.*, 1996.

26 Douglas Teixeira Monteiro, *Os Errantes do Novo Século*, São Paulo, Duas Cidades, 1974.

Apresentei²⁷, num simpósio que tratou de medievalismos pelo mundo, um trabalho que se chamou “Violência e Cortesia”, pensando na presença deste ideal cortês, no combate, na disputa como elemento constitutivo da batalha. Aí, o diálogo e os códigos de cortesia formam um universo de leis, num sistema articulado nos vários sertões, de acordo com suas práticas, comportamentos e vicissitudes. Apesar da aridez e da rudeza, a cortesia não está fora de propósito neste universo canônico tantas vezes frequentado em diferentes tempos e espaços, onde a teatralização do mundo se apóia na cavalaria medieval que ainda vive em nosso imenso continente Brasil, por artes da letra impressa e da voz repercutida – de Goiás à Amazônia, onde possa ecoar o encantamento e o mistério que esses livros/ritos representam.

Em *Cavalaria em Cordel*, ao levar em conta os ciclos de narrativas medievais que ainda vivem na tradição oral e também uma ampla produção de folhetos populares de todos os tipos no século XX brasileiro – os clássicos, entre aqueles editados em São Paulo pela Editora Luzeiro – aponte os procedimentos de luta e a relevância do diálogo na batalha, a “palavra como ocupação de rivais”. Parti das sugestões de Martin de Riquer e de Mario Vargas Llosa²⁸, no prefácio e edição das *Cartas de Batalha* de Joanot Martorell, onde se pode seguir uma espécie de diálogo introduzindo, através da disputa verbal, um mundo dramático e teatralizado da cavalaria medieval, prolongado por séculos afora.

Em vez de apontar para um novo feudalismo desenvolvido no Novo Mundo, seria melhor levar em conta as várias camadas da tradição popular, o drama, o apocalipse, conteúdos vagos persistindo a partir da matéria cavaleiresca, atentando para os livros e os textos que os formaram.

Alguns dos temas de cavalaria continuam seu caminho entre nós, de uma ou outra maneira, a exemplo das *Histórias do Imperador Carlos Magno*, lidando com as ideias de bravura, honra e heroísmo. Este texto, em suas seguidas e ilustradas edições, desempenhou o papel de importante matriz para nossa cultura e se constituiu num paradoxo: tão conservador quanto revolucionário. O livro baseia-se também em conversão religiosa e cultural, um dos mais importantes eixos de percepção de nossos tempos coloniais. Certamente propõe a unificação da Cristandade para a integridade do mundo. Marcas do cristianismo significando unidade e poder da expansão europeia tornaram-se signos de conquista. Isto é um importante aspecto a explorar. O rei de verdade, cultivado e transformado no imaginário, torna-se, nessas condições, uma possibilidade histórica, e o imperador francês é a base concreta para um conjunto de gestos heróicos. Como se sabe, a *História do Imperador Carlos Magno* é uma novela tardia do século XVIII, assinada por Jeronymo Moreira de Carvalho²⁹, e passa a ser um texto de fundação da cultura brasileira a partir de sua explosão editorial. Ele nos chega por diferentes versões impressas, que organizam antecedentes medievais, e ainda contando com o alcance da versão espanhola de Nicolas Piemonte. Continuou seu caminho entre nós e entre povos que receberam este legado ibérico.

Numa pesquisa muito estimulante, também o norte-americano Stanley Robe evidenciou a presença das histórias de Carlos Magno através da América e se referiu à quantidade de edições deste livro: *Charles Magne in America*³⁰. No caso do sertão brasileiro, do Nordeste ou de outras regiões isoladas, as histórias do rei ajustaram-se tão bem que se uniram aos componentes principais da épica popular do cangaço. Há muitas razões, em termos antropológicos e políticos, responsáveis pela presença dessa espécie de ordem que evoca o mundo medieval, transmitida por nossa tradição oral, mesmo contando com uma rápida transformação dos ambientes sociais.

27 Em 2006, no Congresso ACLA – *Annual Meeting The Human and its Others* – Universidade de Princeton/EUA. Cf. ainda Jerusa Pires Ferreira, “Marcas Medievais – Textos e Promessas”, *Revista Léguas e Meia*, Feira de Santana/BA, (1): 64-69, jun. 2001/jul.2002.

28 Mário Vargas Llosa, *El Combate Imaginario*, Barcelona, Barral, 1972.

29 Jeronymo Moreira de Carvalho, *op. cit.*

30 Stanley Robe, “Charles Magne in America”, In: *El Romancero Hoy*, New Frontiers-Davis/Cat. Menéndez Pidal, Madrid, 1979.

Procuramos mostrar a importância desses folhetos, a presença dos processos de conservação de matéria cavaleiresca que avança ainda pelo século XXI. Esboçamos algumas linhas de força, rumo ao entendimento daquilo que acontece no âmbito de nossa cultura, no processamento das heranças medievais em que tradição e inovação, conformismo e revolução – vide Glauber Rocha, *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, tão bem apontado no trabalho de Silvia Nemer³¹ – podem nos levar a afirmar nossos próprios princípios identitários.

Tentamos mostrar como o Sertão é mais do que um conceito, além de também seguir os andamentos da adaptação desta presença, tanto em movimentos rebeldes como em repertórios e experiências mais amplas, que vão do folheto à Literatura Brasileira do nosso tempo (Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Ariano Suassuna e o grandioso Guimarães Rosa) ou à música de um artista como Elomar³².

Tudo isto confirma que recebemos e preservamos, em nossas insurgências e conquistas, essas vozes e textos que, articulados na cultura brasileira, permitem expor fragmentos de nossa história de invenção, de dor e de força.

RESUMO: Este texto é uma espécie de síntese das minhas atividades, pensamentos e conceitos sobre a novela de cavalaria, suas relações com o Sertão e as culturas populares. Inclui algumas lembranças, referências alusivas, a transmissão e o resultado de pesquisa feita ao longo de muitos anos, enfocando o *Palmeirim de Inglaterra* e outros textos semelhantes. Pretende-se mostrar uma espécie de herança épica, que conserva tantos anos depois, no Brasil, imagens, ideias e escolhas léxicas do mundo cavaleiresco ibérico (carolíngio e arturiano). Daí provém o estudo *Cavalaria em Cordel*.

Palavras-chave: Novela de Cavalaria ibérica – *Palmeirim de Inglaterra* – ciclos arturiano e carolíngio – paisagem visionária ou real – Sertão – Literatura de Cordel

ABSTRACT: This text is a sort of resume of my activities, ideas and concepts about chivalric novel, in a close relation to Sertão and popular cultures. It englobes some remembrances, allusive references, transmission and results from research taken many years through, focusing *Palmeirim de Inglaterra* and other relative books. It intends to present a sort of epic heritage preserving so many years later, in Brazil, some images, ideas and lexical choices, departing from chivalric iberic world (carolingian and arturian). *Cavalaria em Cordel* is a study which recovers all that.

Key-words: Chivalric iberic novel – *Palmeirim de Inglaterra* – arthurian and carolingian narrative cycles – visionary or real landscape – Sertão – Cordel Literature

31 Silvia Nemer, *Glauber Rocha e a Literatura de Cordel: uma Relação Intertextual*, Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 2007.

32 Jerusa Pires Ferreira, “Encontrando as Cartas Catingueiras”, In: *Ao Encontro da Palavra Cantada*, Rio de Janeiro, 7 Letras, 2001.